

“AS PERSONAGENS COMEÇAM A EXISTIR NO MOMENTO EM QUE NOS APARECEM EM SONHOS” – CONSTRUÇÃO E REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS AGUALUSIANOS

Mariana Carvalho
Doutorado/UFF

Orientadoras: Laura Cavalcante Padilha / Renata Flávia da Silva

O escritor angolano José Eduardo Agualusa se destaca por apresentar, em suas obras, representações da sociedade angolana, a partir de um retorno à história, a fim de que sejam construídos novos modos de leitura do passado de Angola.

Muitos são os estudos que leem a obra agualusiana a partir do conceito de metaficção historiográfica, conceito este empregado por Linda Hutcheon (1988), na obra *Poética do Pós-modernismo*, em que a obra ficcional se volta para o passado não para recontá-lo, assim como aconteceu, mas para reconstruí-lo sob um viés crítico. Na metaficção historiográfica, ao aliar história e ficção, há a possibilidade de jogar com a ideia de “verdade” e de “realidade”, juntamente com uma possível subversão destas.

Tais narrativas ficcionais, permeadas por fatos históricos, não refletem e nem reproduzem a realidade tal qual ela se apresenta diante de nós. Segundo Hutcheon, “na metaficção historiográfica não há nenhuma pretensão de mimese simplista. Em vez disso, a ficção é apresentada como mais um entre os discursos pelos quais elaboramos nossas versões da realidade” (HUTCHEON, 1988: 64).

Como uma temática já muito bem explorada, não buscamos investigar em que medida ficção e história caminham juntas para a concepção dos romances agualusianos, antes, temos como objetivo estudar os modos como determinados personagens são construídos e representados nas obras, já que são os atores responsáveis por viverem os acontecimentos narrados no universo diegético, que têm como pano de fundo a cena angolana. Segundo a historiadora Ana Mónica Henriques Lopes,

alguns textos de José Eduardo Agualusa podem ser lidos como uma ficção sobre a relação literatura e história, sobre a construção da

memória no limite estreito entre a realidade e a imaginação, entre o possível e o desejável. Narrativas em que as ‘verdades’ que promovem sua aproximação com o real não são tão interessantes ou fecundas quanto os elementos ficcionais, que criam em seus romances a sensação de se ler uma pintura de uma cena angolana (LOPES, 2011: 34).

Deve-se a esse efeito pictural o fato de não buscarmos encontrar verdades absolutas nas obras de Agualusa, ainda que a presença de personagens factuais/históricos gere em nós, leitores, a impressão de que o que nos é apresentado de fato aconteceu. Tal presença, assim como podemos observar na obra de Agualusa, é o que muitas vezes nos instiga com a existência do passado como realidade referenciável.

Os acontecimentos históricos, que funcionam como pano de fundo para a narrativa agualusiana, são ressignificados e apresentam uma nova versão a partir da perspectiva de personagens que são inseridos nestes contextos. É uma espécie de “como se”, de Wolfgang Iser: “como se significa que o mundo representado não é propriamente mundo, mas que, por efeito de um determinado fim, deve ser representado como se o fosse” (ISER, 1983: 402).

Ao comentar as ideias de Iser, presentes no artigo “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional”, Costa Lima afirma que “a ficção tem como primeiro traço o realizar-se por um ato de fingir [em que] o mundo é transgredido porque [tal ato] não repete a realidade senão para convertê-la em signo” (LIMA, 1989: 96). Desse modo, somos levados a perceber o mundo transgredido e convertido em signo no interior da ficção como um mundo representado – como uma representação que remete ao mundo factual, mas que nem por isso é este mundo. O ato de fingir, responsável por certa representação do mundo no plano ficcional, liga-se, diretamente, ao imaginário, pois é este que possibilita certa transgressão do fato.

Sendo um escritor imaginativo, expressão empregada por Hayden White, em “As ficções da representação factual” (2001), para representar o que ocupa-se de acontecimentos imaginados, hipotéticos ou inventados, mas sem deixar de se interessar por aqueles observados ou percebidos pelos historiadores, Agualusa, ao trazer figuras factuais para o universo diegético, cria situações nas quais são ressignificadas, passando a coexistir com os personagens ficcionais.

A leitura dos 10 romances publicados pelo autor, até o ano de 2012, nos permite observar que há uma espécie de projeto metaficcional, como se as obras estivessem

interligadas, principalmente devido à presença de personagens que se repetem. Assim, o que é iniciado em obra anterior é concluído em publicação posterior, de modo a seguir uma sequência lógica. Tal fato passa despercebido quando as obras são lidas aleatoriamente, porém o jogo é perceptível quando os romances são lidos obedecendo à ordem de publicação. Devido a esse jogo, trabalhamos com a hipótese de Agualusa poder ser uma espécie de escritor em série, o que permite lermos seus romances como uma grande obra subdivida em volumes ou capítulos de uma mesma história.

Desse modo, nossa investigação consiste em analisar o modo como determinados personagens são construídos, representados e retomados, tornando-se quase impossível não nos basearmos na obra “A personagem do romance” (2002), de Antonio Candido, sobretudo quando o assunto em pauta são os variados modos que o mesmo personagem apresenta ao longo das narrativas nas quais atua.

Um dos fatores que nos instiga a realizar um estudo acerca dos personagens agualusianos diz respeito ao fato de nós leitores, enquanto seres humanos, nos identificarmos com os seres que dão vida ao romance, uma vez que o “[...] personagem representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. [O] personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos” (CANDIDO, 2002: 54).

Porém a existência ficcional de um personagem não é pacífica, pois há muitas discussões acerca de sua natureza, assim como afirma o estudioso:

[O] personagem é um ser fictício, - expressão que soa como paradoxo. [...] No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial (*Ibidem*: 55).

Candido tece várias considerações acerca da construção do personagem, chamando-nos a atenção o modo como o apreendemos. Segundo o estudioso, é necessário que haja a junção dos chamados “fragmentos de percepção” – características que são lançadas para termos como resultado a “totalidade” desse personagem. Porém, de acordo com Candido, teremos acesso a muitos modos de ser e de qualidades, por vezes contraditórios. E em se tratando de Agualusa e de suas obras que constituem um

universo habitado por personagens improváveis e recorrentes, tal apreensão é ainda mais dificultada.

Como os romances não se fecham em si e como alguns personagens transitam por esses espaços, não é possível traçarmos um perfil físico e psicológico com base apenas em uma obra. O personagem não apenas muda, como também adota posições diferentes, basta apenas ter sido introduzido em uma nova publicação.

A pesquisa encontra-se em fase inicial, o que não permite lançarmos resultados conclusivos acerca das investigações, ainda por serem realizadas. Por hora, salientamos que a repetição de atores pode obedecer a um projeto empreendido por Agualusa, mas também pode ser, para além de uma estratégia de construção literária, uma “obsessão” por determinados personagens, sonhados pelo escritor.

Uma obra instigante em que é latente a presença de figuras factuais é, sem dúvida, *Estação das chuvas* (2012), segundo romance publicado por Agualusa, em que além de figurarem personagens históricos, possui relações com o primeiro romance do autor, *A conjura* (2009), já que a genealogia da personagem que pode ser tomada como central de *Estação das chuvas* nos é apresentada já na obra inaugural do escritor.

Lídia do Carmo Ferreira - “(historiadora e poetisa, fundadora do MPLA, intelectual respeitada na Europa etc. etc.)” (AGUALUSA, 2012: 147) é uma personagem a ser analisada mais profundamente. Entretanto, no presente estudo, a fim de ilustrarmos como pretendemos proceder com nossas investigações, faremos uma breve análise de três momentos em que a personagem está presente nas obras de Agualusa. O primeiro refere-se aos “Agradecimentos” de *Estação das chuvas* (cuja primeira edição data de 1996), o segundo é um trecho de *Um estranho em Goa* (2000) e o terceiro são os “Agradecimentos” de *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002).

Nos agradecimentos do segundo romance publicado por Agualusa figuram alguns nomes bastante conhecidos pelos estudiosos de literaturas africanas de língua portuguesa, sendo exemplos os nomes de Ana Mafalda Leite, Ana Paula Tavares, Luandino Vieira e Mário Pinto de Andrade. Dentre os nomes citados a quem o autor dirige agradecimentos, está presente o seguinte trecho: “Maria Alexandre Dáskalos (que lançou o tarô a Lídia)”. Ao lermos os agradecimentos de uma obra, temos o interesse de saber quem foram as pessoas que, de modo direto ou não, colaboraram para que a obra, de certo modo, pudesse existir, em que tomamos os nomes ali representados como sendo de pessoas “reais”.

Ao lermos uma referência à Lídia, para quem fora lançado tarô, num primeiro momento, não sabemos de quem se trata. Só saberemos ao iniciarmos a leitura do romance propriamente dito, ou seja, que trata-se de Lídia do Carmo Ferreira. Por figurar em um paratexto em que estão presentes nomes de pessoas que de fato existiram, e por ter recebido uma ação destinada, basicamente, a pessoas factuais, iniciamos a leitura da obra suspeitando da existência de Lídia, principalmente ao termos acesso a seu sobrenome – Carmo Ferreira.

Em *A conjura* (publicado, inicialmente, em 1988), como epígrafe do capítulo primeiro, temos um poema assinado por L. do Carmo Ferreira, datado de 1902. O poema da epígrafe fala sobre liberdade e igualdade em Angola, mas também que tudo não passava de sonho:

“[...]
E vi, sonho sublime! – em célico clarão!
ressurgir Angola em meio da escuridão!...

Oh! Fontes, ao clarão de uma aurora virginal,
vi realizar-se o teu íntimo ideal!

Vi então Angola das vascas d’agonia
erguer-se esplendorosa à luz de um novo dia.

Reinava a harmonia; o sol da igualdade
já de luz inundava a livre humanidade.

E que belo deve ser para o peito angolano
ver vingar o Direito e a queda do tirano?

Tudo isto antevia no sonho fabuloso
envolto num clarão, etéreo, luminoso.

Porém quando acordei a negra realidade
mostrou-se bem crua: nula era a igualdade
utopia o Direito e zero a liberdade! [...]” (AGUALUSA, 2009: 9).

Trata-se de um trecho do poema “Sonho”, do poeta e jornalista angolano Lourenço do Carmo Ferreira. Conhecendo-se a história de *Estação das chuvas*, um leitor ingênuo, ao ler *A conjura*, suporia que este L. pudesse ser a própria poetisa Lídia. Porém são desfeitos os enganos, sobretudo se se levar em consideração a data do poema da epígrafe – 1902, ou seja, Lídia não poderia ser a autora, já que, de acordo com o

segundo romance agualusiano, nasceu em 1928. De qualquer modo, relacionar o poema à poetisa torna-se possível e inevitável, uma vez que dialoga com o posicionamento que ela assume no interior da obra. Mais instigantes que essa relação são os sobrenomes comuns – Carmo Ferreira, algo que merece ser tratado com mais atenção, futuramente.

No romance *Um estranho em Goa*, tem-se um narrador em primeira pessoa que parte à procura de um personagem, afirmando: “quero saber como termina a história dele” (AGUALUSA, 2000: 13), já que escreve porque deseja saber o fim. Nesta mesma obra, o autor joga com as dúvidas que surgem em nós, leitores, sobre a veracidade das histórias que narra em suas obras: “Costumo insinuar, quando a propósito de outras histórias me colocam idêntica pergunta [se a história é verdadeira], de que já não sei onde ficou a verdade – embora me recorde perfeitamente de ter inventado tudo do princípio ao fim” (*Idem*).

Ao partir para Goa à procura do personagem Plácido Domingo, o narrador afirma não saber muito acerca da figura que procurava, apenas seu nome de guerra. Uma das poucas informações que possuía – a sua origem, foi fornecida ao narrador (chamado José, angolano de Huambo e que viveu, por um período em Olinda) pela poetisa Lúcia do Carmo Ferreira: “Ele nasceu no Dondo, filho de um médico goês e de uma enfermeira angolana, ‘uma mulata de sangue azul’” (*Ibidem*: 28).

Há outra referência à Lúcia quando o narrador José encontra-se com Plácido Domingo, que afirma que toda aquela história narrada no conto sobre ele e lido por ele só poderia ter sido contada pela poetisa, principalmente a informação de ele, supostamente, ter trabalhado para os portugueses. Assim, no plano hipotético, só poderia ter sido Lúcia do Carmo Ferreira a transmitir tais informações negativas a respeito de Plácido, por ambos terem ocupado “lados opostos” na luta angolana. Neste ponto, José informa que Lúcia havia desaparecido, em Luanda, nos confrontos de 1992, assim como nos é apresentado em *Estação das chuvas*.

Chamamos a atenção para o fato de José, mas desta vez Eduardo Agualusa, atribuir a seus personagens falas pronunciadas por ele próprio ou ações por ele vivenciadas. Um ótimo exemplo encontra-se na sequência da cena em que o personagem José encontra-se com Plácido, em que este diz-lhe uma frase que o narrador afirma estar habituado a ouvir, ao longo dos últimos anos: “Você, meu querido compatriota, não sabe nada.” (*Ibidem*: 49).

Encontramos outro exemplo em *Barroco Tropical* (2009), em que o personagem Bartolomeu Falcato, ao conceder uma entrevista, afirma: “[...] comentei distraído o vago aborrecimento que sempre me provocou a poesia de Agostinho Neto. E acrescentei: Foi um estadista, não um poeta, a poesia era para ele uma outra forma de fazer política. Deixou-nos apenas meia dúzia de versos, quase todos medíocres.” (AGUALUSA, 2009: 84). Em entrevista concedida ao programa Roda Viva, da TV Cultura, exibida em 04 de julho de 2011, Agualusa teceu severas considerações sobre Agostinho Neto, como poeta e como político, assim como observamos através da fala do personagem citado.

Vale salientar que, devido a algumas afirmações, Agualusa também fora acusado de traição à pátria, sobretudo após a publicação de *Estação das Chuvas*, obra protagonizada por Lídia.

O terceiro momento selecionado para investigação consiste nos agradecimentos de *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, sobretudo a segunda parte. Neste trecho, lemos a seguinte passagem: “Outros poetas me acompanharam ao longo desta viagem: Lídia do Carmo Ferreira [...]”, em que o autor empírico José Eduardo Agualusa agradece a uma poetisa, que já sabemos se tratar de uma criação literária. A questão que se coloca é que, se tal criação literária e a figuração de seu nome nos agradecimentos, uma vez mais, correspondem apenas a uma estratégia de produção ou se Lídia se tornou, para o autor, uma obsessão.

No corpo da narrativa tem-se um poema, cuja autoria é atribuída à Lídia e cuja essência nos remete ao que já apreendemos acerca da poetisa, a partir das outras obras pelas quais ela transitou:

“Eu queria ser simples como as rãs nos charcos
ver de longe partirem os barcos
numa manhã qualquer.
Meu Deus, deixa-me repousar um pouco.
Quero inexistir-me sem sobressalto,
diluir-me no ar líquido que a manhã destila.
Meu Deus, deixa-me ser a brisa que agita
neste instante as folhas das palmeiras,
a brisa que houve
e já não há.” (AGUALUSA, 2002: 9)

Observamos que a poetisa é retomada através de conversas que tivera ou de referências a seus poemas, mas não aparece fisicamente por seu paradeiro ser desconhecido desde o desfecho do romance de 1996.

Ainda hoje especula-se sobre a personagem, em que são levantadas hipóteses sobre a não existência de um final para a biografia da poetisa, como acontece com outros personagens. Segundo a jornalista Susana Moreira Marques, o fim de Lídia do Carmo Ferreira ainda não foi assinado para que a ilusão de que realmente viveu perdure no imaginário dos leitores, que concordam em jogar o jogo proposto por Agualusa, mesmo depois de *Estação das chuvas* ter sido aparentemente encerrado.

Jogamos conscientes de que não podemos concluir nada antes de lermos a obra seguinte, pois ainda que se trate, num primeiro momento, de enredos distintos, os fios utilizados nas tramas são os mesmos e dizem respeito à história de Angola que Agualusa propõe ficcionalizar.

Lídia do Carmo Ferreira é, sem dúvida, uma personagem instigante e enigmática, assim como outros personagens agualusianos com os quais propomos trabalhar. A sensação de incompletude, conforme apontada pela jornalista acima citada, é latente e parece estar já presente no trecho de uma suposta carta enviada por Lídia a Mário Pinto de Andrade, que funciona como epígrafe do capítulo “A busca”, de *Estação das chuvas* - “Já não sei quem fui, quem sou. Já não sei o quanto de mim é, não a vida, mas aquilo que da vida em algum livro eu.” (Lídia Ferreira, em carta a Mário de Andrade, escrita em Lisboa, a 30 de abril de 1891) (AGUALUSA, 2012: 51). Neste trecho, no último período, o pronome pessoal “eu” fica suspenso, não existindo nenhum verbo que a ele esteja ligado, como se fosse possível acrescentar, após o sujeito simples, reticências, na impossibilidade de concluir tal afirmação com qualquer verbo que fosse (não podemos saber o que se passava pelo pensamento de Lídia no momento em que escreveu tal carta). As reticências não estão presentes, mas o pensamento permanece em aberto, bem como o desfecho da história da poetisa.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *Um estranho em Goa*. Lisboa: Edições Cotovia, 2000.

_____. *O ano em que Zumbi tomou o Rio*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

_____. *A conjura*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2009.

_____. *Barroco Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Estação das chuvas*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2012.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida Prado; ROSENFELD, Anatol. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2002. 10ª edição. p. 51 – 80.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

LIMA, Luiz Costa. A narrativa na escrita da história e da ficção. In: *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 15-120.

LOPES, Ana Mónica. *Nas margens da história e da ficção: identidades impressas e as fronteiras do nacionalismo em Angola (1866 – 1910)*. Belo Horizonte: Crisálida, 2011.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, v. 2, p. 384-416.

WHITE, Hayden. As ficções da representação factual. In: *Trópicos do discurso: ensaios sobre a representação da cultura*. São Paulo: EdUSP, 2001, p. 137-151.